

A sátira do escritor russo Saltykóv-Schedrin em “História de uma cidade”

Doutoranda Denise Regina de Sales¹ (USP)

Resumo:

“História de uma cidade”, do escritor russo Mikhail Evgráfovitch Saltykóv é uma história da Rússia às avessas. Descreve um local fantástico, onde o desvario e o despotismo dos governantes conjugam-se com a ignorância e a passividade do povo. Ao parodiar livros de história da Rússia utilizados no século XIX, Schedrin satiriza o absolutismo e a apatia do povo que o reconhece. Essas duas ferramentas literárias – a paródia e a sátira – são usadas pelo escritor para fugir da convencionalidade, desnudar traços fundamentais da sociedade russa e reavaliar o passado dessa nação desde os seus primórdios.

Palavras-chave: literatura russa, Saltykóv-Schedrin, sátira, paródia

Introdução

Mikhail Evgráfovitch Saltykóv, que escrevia com o pseudônimo de Schedrin, nasceu em 1826 e morreu em 1889. Foi, portanto, contemporâneo de Nicolau Gógol (1809-1852), Liév Tolstói (1828-1910), Fiódor Dostoiévski (1821-1881) e Iván Turguiénev (1818-1883), para citar apenas alguns dos escritores russos do século XIX mais conhecidos no Brasil. Historicamente, esse período abrange o reinado de três czares: Nicolau I (1825-1855), Alexandre II (1855-1881) e Alexandre III (1881-1894).

A marca das três décadas de reinado de Nicolau I foi a repressão. Um dos seus atos mais conhecidos é a pena de morte imputada a 34 “conspiradores” do grupo de Petrachiévski, entre eles o escritor Fiódor Doistoiévski. No dia da execução da sentença, os prisioneiros foram levados ao patíbulo de enforcamento, mas, no último minuto, receberam a notícia de que o czar mudara a pena para degredo e prisão.

Nesse período repressivo, em meados da década de 40, Schedrin publica os primeiros artigos sobre literatura nas revistas “O contemporâneo” e “Anais da Pátria”. Trabalha também em duas novelas – “Contradições” e “Um caso complicado”, que lhe renderam oito anos de degredo (de 1848 a 1855), na cidade de Viátka, por “tentar divulgar idéias liberais ocidentalizantes”. O escritor só pôde voltar a Moscou após a morte de Nicolau I, em 1855.

Começava então o reinado de Alexandre II. Já no dia de sua coroação, o novo czar perdoou os membros do círculo de Petrachiévski, inclusive Dostoiévski, que retornou a São Petersburgo. Em 1861 aboliu a servidão e emancipou os camponeses. Nesse período, Schedrin retomou as atividades literárias, junto com a peleja com a censura.

História de uma cidade

Em 1869, Saltykóv-Schedrin começou a publicar *História de uma cidade* em capítulos, na revista “Anais da Pátria”. A obra é uma paródia de relatos de cronistas antigos e de livros de história do século XIX; em 15 capítulos interligados, porém independentes, o autor descreve uma cidade desde os seus primórdios, quando o povo era composto de tribos nômades.

A edição em livro foi lançada em 1870. Em carta a Schedrin, o escritor Ivan Turguiénev elogiou a obra, considerando-a um material histórico valioso, que em uma forma extremamente satírica e também fantástica, reproduzia com muita exatidão aspectos fundamentais do caráter russo. Alguns meses depois, ele escreveu um artigo para uma revista de língua inglesa, caracterizando a obra e o autor.

“História de uma cidade é em realidade uma espécie de história satírica da sociedade russa durante a segunda metade do século passado e o começo deste, sob a forma de descrição burlesca de uma cidade fictícia e dos governantes que ali se sucederam de 1762 a 1826” (TURGUIÉNEV, 1956. p. 496)

O início de *História de uma cidade* é o prefácio do editor, que há muito acalentava o desejo de escrever a história de alguma cidade ou região, mas lhe faltavam as condições ideais e, sobretudo, materiais de consulta confiáveis. Ele conta que um dia encontrou, por acaso, um arquivo com crônicas antigas bastante confiáveis. E por que confiáveis? Ele próprio explica – os cadernos manuscritos estavam amarelados, rasgados, deteriorados, manchados de moscas, roídos de ratos e, por si só, essa aparência era uma prova irrefutável de autenticidade. As crônicas, escritas sucessivamente por quatro arquivistas, descreviam em detalhes a biografia dos governantes da cidade por quase cem anos – de 1731 até 1825, “nesse ano, pelo visto, a atividade literária deixou de ser acessível inclusive aos arquivistas”¹ (uma referência à censura do governo de Nicolau I e à criação de um aparato especial de repressão e controle após a Revolta Dezembrista).

O capítulo seguinte é uma mensagem ao leitor, escrita pelo último dos arquivistas para explicar a importância de registrar os feitos dos governantes da cidade, que, segundo ele, “por pouco não ofuscou a glória da Roma Antiga”, numa referência à “Terceira Roma”, título que o czar Ivan, o Terrível, reivindicava para a Rússia no século XVI. “E em que exatamente consiste a tarefa do cronista?”, escreve ele, “Em criticar e censurar? Não! Em julgar? Também não. Em que então? Em ser apenas aquele que vai retratar o acontecido e transmiti-lo à posteridade”².

Nesse texto satírico, evocar a imparcialidade do historiador aponta exatamente para o extremo oposto. Basta lembrar o trecho final da dedicatória de Nicolau Karamzin ao imperador Alexandre I, que reinou de 1801 a 1825.

Estai vigilante, monarca querido. Quem entende o coração humano lê os pensamentos, e a história registra os feitos dos magnânimos czares e, na posteridade mais distante, será capaz de inspirar amor à vossa santa memória. Recebei com benevolência este livro, demonstração de tudo isso. A história do povo pertence ao czar. (KARAMZIN, 1815. p. 6)

Questões tradutórias

É no terceiro capítulo que começa propriamente a história da cidade, por suas origens. A partir daí ficam mais evidentes dois desafios da tradução dessa obra para o português que quero destacar aqui – as constantes referências à história da Rússia e os nomes próprios e apelidos, que, em geral, revelam traços dos personagens. Essas duas questões estão intimamente relacionadas com o conteúdo satírico-humorístico. Como preservar os três aspectos – história, conteúdo semântico dos nomes e sátira-humor – na tradução?

Como dito antes, em *História de uma cidade*, a paródia de crônicas antigas e artigos de historiadores russos consagrados é o veículo para a sátira ao absolutismo russo de meados do século XIX. Esse formato, ao mesmo tempo em que é um mergulho no passado para criticar o presente, serve de fachada para driblar a censura. Como toda paródia, a sua compreensão integral, exige o

¹ Saltykóv-Schedrin, Mikháil Evgráfovitch. *Obras reunidas*. Moscou: Khudojestvenaia Literatura, 1969. v. 8, p. 266.

² *Ibidem*. p. 269.

conhecimento do elemento parodiado. É preciso, então, fornecer ao leitor brasileiro algumas chaves básicas para ampliação do entendimento da obra, que podem ser incluídas em notas ou em um posfácio.

Vejam os textos de Saltykóv-Schedrin relaciona-se com os textos históricos. Como aqui o importante é o arcabouço do relato histórico em geral, e citei Karamzin anteriormente, escolhi como exemplo três trechos de *História da Rússia desde os tempos antigos*, em 29 volumes, escrita por Serguéi Mikháilovitch Soloviov (1820-1879) e publicada de 1851 a 1879.

As duas obras, a de Saltykóv-Schedrin e a de Soloviov, são compostas de capítulos independentes, porém cronologicamente sequenciais. Schedrin adota essa estrutura tradicional, mas subverte o conteúdo, que passa de sério e enaltecido a cômico e degradante.

Soloviov descreve assim os primórdios do povo russo:

No início, a tribo eslava encontrava-se às margens do rio Danúbio, em locais ricos e fecundos; mas não conseguia viver em paz, era atacada de todos os lados por outras tribos, o que obrigou muitos dos eslavos a deslocarem-se para o Norte e para o Oriente; então eles ocuparam também o país que agora se chama Rússia [...] Fixando-se aqui, receberam nomes variados, alguns originários do lugar onde viviam, outros do nome de seus fundadores; mas não havia um nome único porque eles não constituíam um povo único nem possuíam um governo central único [...] Acontece que esses clãs enfrentavam-se e faziam guerras, porém sofriam mais por causa de inimigos externos. (SOLOVIOV, 1997. p. 6 e 7)

Saltykóv-Schedrin reelabora essas informações históricas do seguinte modo:

Havia, diz ele, na antiguidade, um povo chamado bate-cabeça, e vivia ele no Norte distante, lá, onde historiadores e geógrafos gregos e romanos supunham a existência do mar Hiperbóreo. Bate-cabeça era denominada essa gente por que tinha o hábito de bater a cabeça em tudo que encontrava pelo caminho. Topavam com uma parede – batiam a cabeça nela; faziam preces a Deus – batiam a cabeça no chão. Na vizinhança dos bate-cabeça vivia um monte de tribos independentes, mas apenas as mais notáveis delas foram nomeadas pelo cronista, a saber: papa-morsa, papacebola, papa-grude, papa-fruta, cabra, fava-girante, sapudo, pé-duro [...] Nem religião nem forma de governo essas tribos tinham; em lugar de tudo isso, frequentemente se hostilizavam entre si. Elas formavam alianças, declaravam guerra, promoviam a paz, juravam amizade e fidelidade [...]. (SALTYKÓV-SCHEDRIN, 1969. v. 8, p. 270).

Enquanto o texto do historiador mantém um tom enaltecido e respeitoso, a ficção faz uma descrição irônica. O cômico, nesse trecho, está relacionado com o nome do povo, o seu hábito de bater a cabeça e as suas relações com os vizinhos. A seriedade de nomes dados de acordo com o local onde as tribos viviam ou em homenagem aos seus fundadores contrasta com o tom jocoso da denominação “bate-cabeça”, que faz referência a um hábito bastante ridículo e insensato e produz um efeito de caricatura e não de retrato sério. O historiador usa uma sintaxe e vocabulário mais formais, enquanto o escritor adota procedimentos coloquiais como no período “Topavam com uma parede – batiam a cabeça nela, começavam a rezar – batiam a cabeça no chão”.

Ainda sobre essa época de guerras e desordens, escreve Soloviov:

[...] iniciaram-se guerras intestinas. E então começaram a discutir entre si: “Busquemos um príncipe que venha nos governar e julgar todas as coisas com justiça”. Como não encontraram entre eles esse homem que examinasse todas as coisas de modo único, não tomasse partido de ninguém e fosse ouvido por todos, mandaram embaixadores pelo mar até a terra dos varegues, para falar com os seus governantes, os príncipes e irmãos Riurik, Sineus e Truvor. Os embaixadores disseram-lhes:

“A nossa terra é grandiosa e abundante, mas não há ordem entre nós, venham nos governar”. Riurik e os seus irmãos concordaram [...] (SOLOVIOV, 1997. p. 9)

Historicamente, esse é um momento memorável, quando o viking Riurik funda o reino de Rus, na cidade eslava de Nóvgorod; é o marco primordial na cronologia da história da Rússia. Pois Salytkóv-Schedrin aproveita a oportunidade para destruir o espírito grandioso que sustenta a narrativa.

Não havia ordem, não mesmo. Tentaram de novo bater cabeças, mas nem com isso conseguiram alguma coisa. Então resolveram procurar para si um príncipe.

– Num instante, ele cuidará de tudo para nós – disse o ancião Bempensar – fará soldados e construirá um cárcere, como se deve – Vamos lá, rapaziada! (SALTYKÓV-SCHEDRIN, 1969. v. 8, p.271)

Depois de muito procurar, os enviados encontram um príncipe.

– Você quem são? E com que súplica vieram me procurar? – indagou o príncipe aos enviados.

– Somos os bate-cabeça! Não há no mundo povo mais sábio e corajoso! (SALTYKÓV-SCHEDRIN, 1969. v. 8, p.271)

O príncipe então pergunta aos bate-cabeça quais são as façanhas do seu povo, e eles começam a enumerar uma série de ações estúpidas.

– Tolos, seus tolos! – disse o príncipe – não convém chamá-los de bate-cabeças, pelos seus feitos deviam se chamar tolenses! Eu não quero governar tolos! Procurem um príncipe tolo, que mais tolo não exista no mundo – é esse que vai governá-los. (SALTYKÓV-SCHEDRIN, 1969. v. 8, p. 272)

Ao desdobrar a frase histórica “Venha nos governar” em um diálogo entre os enviados e o príncipe, Schedrin desfaz o tom elevado e abre outras possibilidades de sentido. Aquele povo tão sábio e corajoso foi rejeitado. A grandiosidade do momento é arruinada por essa conversa e pela decisão final do príncipe, que não quer governar tolos.

Depois que o príncipe se recusa a governá-los, os bate-cabeça saem em busca do príncipe mais tolo do mundo. Topam com um segundo príncipe, que, surpreendentemente, se mostra sábio e dá a mesma resposta do primeiro. Por fim, encontram um terceiro, que concorda em governá-los mas impõe algumas condições.

Ele diz o seguinte:

– Certo. Eu quero governar vocês – disse o príncipe – mas morar lá com vocês – não vou! Porque os seus hábitos de vida são muito selvagens. [...] Mandarei um enviado em meu lugar: que ele os governe, e, de longe, manterei todos sob o meu cabresto – ele e vocês! (SALTYKÓV-SCHEDRIN, 1969. v. 8, p.274)

Os bate-cabeça concordam, e o príncipe continua.

– E muitos impostos vocês vão me pagar – continuou o príncipe – quem tiver uma ovelha e um carneirinho, deixará a ovelha comigo e ficará com o carneirinho; quem conseguir um tostão, partirá esse tostão em quatro: uma parte será minha, e a outra também, e mais a terceira, a quarta ficará com ele. Se eu declarar guerra, vocês é que vão guerrear. (SALTYKÓV-SCHEDRIN, 1969. v. 8, p.274)

Sobre o tema específico dos impostos, assim escreve Solovióv:

O príncipe trouxe consigo a *drujina*, uma tropa especial, formada de homens valentes, que sempre o acompanhavam. [...] Trabalhar, arar a terra, confeccionar as próprias roupas e sapatos, isso os soldados da guarda não podiam fazer; tinham de ser alimentados e sustentados pelas pessoas que protegiam. Por isso, o restante do po-

vo devia pagar impostos ao príncipe, e com esses impostos o príncipe mantinha a guarda. No início, o próprio príncipe e os seus soldados recolham os impostos, e os moradores aproveitavam para lhe apresentar as suas queixas, e os culpados pagavam-lhe multas. (SOLOVIOV, 1997. p. 10)

O desafio da tradução, nesse caso, está exatamente no gênero paródico da obra. Dosar a quantidade de notas, incluir apostos explicativos no próprio texto ou redigir um posfácio com a explicação da natureza e forma dos relatos históricos são algumas das soluções possíveis. Dependendo da edição, é possível até prescindir dessas soluções, mas, sem esquecer que a falta do elemento parodiado empobrece a leitura.

Um segundo aspecto interessante para a discussão da tradução são os nomes próprios de pessoas e lugares que geram comicidade por si só ou por sua relação com fatos históricos. Podemos começar pelo nome da cidade. Inicialmente, nos primórdios da civilização desse povo, o seu nome era bate-cabeça [головотяпы]. Temos a mesma composição do termo em português, porém em posição invertida, o substantivo *голова* [cabeça] e o verbo *тять* [bater]. Depois, por imposição do príncipe que aceita governá-lo, o povo passa a se chamar tolense [глуповец], do adjetivo *глупый* [tolo] e que também vai formar o nome da cidade [*город Глупов*, literalmente “cidade dos tolos”].

Aqui a solução de traduzir os nomes, em vez de apenas transliterá-los parece a mais feliz, pois assim conseguimos recuperar algum ou todo o conteúdo semântico. Esse tema, da tradução dos nomes próprios de lugares e de pessoas, não é novo e tem sido discutido por autores e tradutores. A esse respeito, há um comentário muito esclarecedor do escritor Guimarães Rosa em carta ao tradutor alemão de *Grande sertão: veredas*:

Quanto aos nomes próprios de lugares, penso que deveria traduzir muitos deles, principalmente os inventados, os quais devem funcionar pela própria capacidade sugestiva. (São, em geral, os que comparecem já com o “acento” no significado.) O Amigo facilmente verá e sentirá quais que lucram com a tradução. Estes, por exemplo, acho: a Virgem-Mãe, a Virgem-da-Lage, as Veredas-Tortas, as Veredas-Altas, o Verde-Alecrim, a Vereda do Ouriço, a Coruja, o Morro do Cocoruto, o Pé-da-Pedra, a Vereda da Vaca Mansa de Santa Rita [...]

O mesmo, nas mesmas condições, penso “para os nomes próprios de pessoas” – em geral os comparsas de papel secundário – tais como, por exemplo: o Rasga-em-Baixo, o Pau-na-Cobra, o Rincha-Mãe, o Carro-de-Bois, o Sangue-de-Outro etc. etc.

Outros, toponímicos e onomásticos, lucrarão decerto ficando sem traduzir: pois valem por sugestivos pelo som ou pela forma: a Guararavacã do Guaicuí, a Barbaranha etc.etc.

Uns e outros, podem ser mesmo, em certos casos, “adaptados”. Sei que o tradutor francês está fazendo assim, otimamente. Nos Estados Unidos, deixaram tudo como no original – não gostei nada disso.

Às vezes, mesmo, tanto para nomes de pessoas como de lugares, quando compostos, ganhariam em interesse e sugestão pitoresca para o leitor, quando “semi-traduzidos”, mistos, traduzida uma parte do nome e deixada a outra como no original. Assim, talvez, por exemplo: Pacamã-de-Presas (Pacamã é um peixe, presas = caninos (dentes)); Marcelinho-Pampa (pampa = cor de cavalo pintado, malhado); João Vaqueiro; Freitas-Macho; Joaquim Beijú; Pedro Pintado; Zé Beçudo; Urutu Branco. (ROSA, 2003. p. 165)

História de uma cidade já foi traduzido para outras línguas, inclusive para o inglês e o francês, e há abundância de materiais sobre essa obra, inclusive sobre o sistema de criação dos nomes e dos personagens. Há um artigo, em especial, que discute o sistema de formação dos nomes

próprios e a estratégia de tradução para o inglês adotada por Susan Brownsberger. O povo foi denominado de “Foolov”, uma solução interessante, que une o aspecto semântico [fool – глупый] ao radical “ov”, imediatamente associado à terminação de sobrenomes russos [Nabókov, por exemplo, muito conhecido nos países de língua inglesa], além de ter uma semelhança fonética com “of”. E o adjetivo segue o padrão da língua inglesa – Moscow – moscovite; Foolov – foolvite. Recuperam, portanto, a característica negativa do nome, importante para a descrição de uma cidade governada por déspotas, que oprimem um povo ignorante.

O autor desse artigo, Alexandr Kaláchnikov, teve o cuidado de fazer um levantamento de dados: são 81 personagens fictícios, 15 topônimos fictícios, 67 personagens que representam figuras históricas reais ou personagens de outras ficções, 29 topônimos reais, 20 títulos de obras literárias e artísticas em geral, jornais e documentos, sendo 13 deles fictícios. Voltando então ao nome do povo e da cidade, e considerando que a solução em língua inglesa foi satisfatória, teríamos uma lista de soluções possíveis em português:

Tolo – Tolóv, mantendo a terminação “ov” que, para nós, também evoca algo russo, Tolóvia, em analogia a Moscóvia, sendo os cidadãos: toloveses, tolovianos...

Pateta – Patetóv, Patetóvia; patetenses

Tonto – Tontóv, Tontóvia; tontos, tontovianos

Boboca – Bobocóvia; bobocas...

É preciso lembrar que esse é um nome fictício, cujo conteúdo semântico deve ser reproduzido para a manutenção do aspecto cômico.

A situação se complica um pouco mais com os nomes das outras tribos, que, segundo o próprio autor, não foram inventados, mas retirados de livros e dicionários sobre a origem do povo russo. Por outro lado, não são nomes oficiais, são apelidos que as tribos atribuíam umas às outras. No Brasil, encontramos denominações semelhantes: “papa-areia” [alcunha que os pelotenses, de Pelotas (RS), dão aos rio-grandinos, de Rio Grande (RS)], “papa-arroz” [apelido que os piauienses dão aos maranhenses], “papa-bode” [piauiense] etc.

Nesse caso, traduzir os nomes por sua “capacidade sugestiva”, como sugere Guimarães Rosa, é apenas uma parte da solução do problema. Além de encontrar, em português, a combinação de palavras mais evocadora de comicidade, falta fornecer ao leitor brasileiro informações históricas específicas.

Vejamos a continuação daquele primeiro trecho do Capítulo 3:

Nas vizinhanças dos bate-cabeça, viviam muitas tribos independentes, mas apenas as mais notáveis foram nomeadas pelo cronista, a saber: papa-morsa³, papa-cebola⁴, papa-grude⁵, papa-fruta⁶, cabra⁷, fava-girante⁸, sapudo⁹, pé-duro¹⁰ [...]. (SALTYKÓV-SCHEDRIN, 1965. v. 8, p. 270)

Os próprios bate-cabeça são os moradores da cidade de Egórievsk [Егорьевск].

Ainda na esfera dos nomes próprios, encontramos referências a personagens de outras obras de ficção. No final do segundo capítulo, o último arquivista escreve o seguinte:

E digo mais – essa crônica foi elaborada, sucessivamente, por quatro arquivistas, sucessivamente: Michka Triapítchkin, um outro Michka Triapítchin, Mitka Smir-

³ Моржееды. Moradores da cidade russa de Arkhángelsk, no extremo noroeste do país.

⁴ Лукоеды. Moradores da cidade de Arzamás.

⁵ Гушееды. Moradores da cidade de Nóvgorod. Gucha é uma sopa muito popular entre eles.

⁶ Клюковники. Moradores da cidade de Vladímír.

⁷ Куралесы. Moradores da cidade de Briánsk.

⁸ Вергячие бобы. Moradores da cidade de Murom.

⁹ Лягушечники. Moradores de Dmítrov.

¹⁰ Лапотники. Moradores de Klinoviéts.

nomórdov e eu, o humilde Pavluchka, filho de Maslobóinikov. (SALTYKÓV-SCHEDRIN, 1965. v. 8, p.269)

De sobrenome Triapítchkin é o amigo de Khlestakóv, na peça de Nicolau Gógol, *O inspetor geral*, de 1851. No final da peça, os moradores da cidade lêem uma carta de Khlestakóv a Ivan Vasiliévitch Triapítchkin. Nela Khlestakóv conta a vida boa que levava, fingindo-se inspetor geral.

Referências Bibliográficas

- [1] KARAMZIN, Nikolai M. *História do Estado Russo*. São Petersburgo: Kristall, 1998.
- [2] ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- [3] SALTÍKÓV-SCHEDRIN, Mikhaíl Evgráfovitch. *Obras reunidas*. Moscou: Khudojestvenaia Literatura, 1969.
- [4] SOLOVIOV, Serguéi M. *História ilustrada da Rússia*. Moscou: Russkoe Slovo, 1997.
- [5] TURGUIÉNEV, Ivan S. *Obras reunidas*. Moscou: Khudojestvenaia Literatura, 1956.

Autora

¹ **Denise Regina de Sales**, doutoranda.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).
Departamento de Letras Orientais.
denise.sales@usp.br